



BASTA TECLAR? APONTAMENTOS SOBRE OS DESLOCAMENTOS E RECONFIGURAÇÕES DA *ESCRITA DE SI*.

Marta Friederichs¹.

Um colorido beija-flor ilustrava a capa do caderno onde registrei as primeiras letras que aprendi. Caderno que em minhas memórias parece muito maior do que aquele que a minha mãe guarda até hoje no armário da sala principal de sua casa. Ali está o meu nome e minhas primeiras sílabas escritas a lápis com uma letra que já não é a minha. Palavras que a imaginação acrescentava algumas letras, excluía outras. Hoje, permanecem como registros de um outro tempo e, numa linguagem infantil, contam parte da minha história. Continuo escrevendo. Para os/as outros/as, para mim. Dos/as outros/as, de mim. Também posso publicar minhas idéias, o que gosto, como percebo o mundo, meus sentimentos e pensamentos na internet. Agora, basta tocar em algumas teclas.

A escrita que há anos faz parte da minha vida nem sempre foi um saber de domínio das mulheres. Somente no século XIX, as mulheres brasileiras passaram a freqüentar a escola e ter acesso à alfabetização. No entanto, não era qualquer mulher que ia à escola. Ana Canen e Libânia Xavier (2000) nos dizem que, naquela época, a educação no Brasil era destinada a camadas favorecidas da população. Alfabetizadas, foram essas as mulheres que passaram a contar sobre a própria vida e sobre o modo como viam o mundo. Nas escolas e também no recolhimento do lar, as alunas eram estimuladas a escrever, prolongando a escrita acadêmica nos diários pessoais nos quais eram feitos relatos de vida que expressavam sua visão do mundo, suas experiências culturais e sociais, seu cotidiano.

Nos diários pessoais, o escrito dessas mulheres era um exercício de autoconhecimento, através de uma narrativa intimista. Se essas mulheres alfabetizadas tinham sua vida limitada à esfera íntima do lar, aos romances e rezas, do que poderiam falar nos seus escritos pessoais? Se foram cercadas e cerceadas por essencialismos que, justificados pela biologia de seu corpo, tentavam marcá-las com a fragilidade, com a docilidade, com a submissão e o sentimentalismo, o que diriam nos seus escritos? E o corpo que não deveria ser exposto, tocado, experimentado, gozado como se faria presente?

Hoje basta acessar a internet que nos deparamos com inúmeras páginas onde muitas mulheres² publicam seus escritos sobre si. Escrita que, assim como a escrita de outros tempos,

1 Mestra em Educação pela UFRGS.

2 É fundamental comentar que, neste caso, quando me refiro a mulheres estou fazendo referência a sujeitos que se declaram mulheres.



também expressa modos de ser e estar no mundo, de vivenciar e significar o corpo. Este texto breve é, pois, produto de minhas aproximações com a temática de mulheres brasileiras que escrevem sobre si em *blogs*³ e através da escrita representam⁴ o corpo, temática que deu foco à minha dissertação de mestrado⁵.

Sendo assim, quando comecei a selecionar os *blogs* que fariam parte da minha pesquisa, tentando conectar meus pensamentos e exercitar minhas ideias, deparei-me com um modo de escrita que foi se transformando e se reconfigurando ao longo do tempo e das gerações e hoje deixa aparecer o seu rastro em “falas” que, pelo *ciberespaço*⁶, possibilitam às mulheres que ali escrevem expressar suas idéias, contar a sua história. Destaco, desde já, que os outros modos de escrita não desapareceram, mas se deslocaram e se reconfiguraram e, neste texto, limito-me apenas a pensar sobre alguns deslocamentos da *escrita de si* através das gerações, atenta para a possibilidade de ali se falar do corpo. Desse modo, adoto como referência a perspectiva pós-estruturalista principalmente a vertente que se aproxima das teorizações de Michel Foucault bem como os Estudos Feministas.

Falar é exprimir com palavras, é dizer, contar, relatar, narrar, conversar, dialogar. A fala está relacionada ao modo como os sujeitos expressam seus saberes e verdades, constituídos, por uma série de relações de poder, na cultura e sociedade da qual o sujeito participa. Saberes e

3 Os blogs são páginas on line, pessoais, dinâmicas, interativas que podem tratar de variados assuntos. Há blogs onde são publicadas notícias, comentários esportivos, poesias, receitas culinárias, contos. Outros, trazem fatos da vida pessoal de quem ali escreve, seus pensamentos, seu cotidiano, seus (des)amores, pois o sujeito também pode utilizar esse espaço para falar da sua intimidade, para falar de si. A internet aceita que qualquer pessoa, não importando sexo, sexualidade, religião, nível social ou localização geográfica, possa difundir informações e saberes, desde que, para isso, tenha um mínimo de competências técnicas. Entretanto, é fundamental pensar que a internet não está distribuída de maneira igualitária. Em nosso país, embora venha crescendo o número de pessoas com acesso à internet, não são todas/os que podem estar na rede. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apenas um quinto das residências brasileiras tem acesso à internet.

4 Entendo por representação o processo pelo qual os membros de uma cultura produzem significados através da linguagem (HALL, 1997). Embora o conceito de representação já possa, segundo Hall (2004, p.104), ser posto “sob rasura” vale comentar que na contramão das “formas de crítica que objetivam superar conceitos inadequados, substituindo-os por conceitos ‘mais verdadeiros’ ou que aspiram à produção de um conhecimento positivo” (HALL, 2004, p. 104) continuo operando com esse conceito, porém, olhando para ele junto, também, com outras perspectivas e olhares.

5 Intitulada Mulheres “on line” e seus diários virtuais: corpos escritos em blogs. Realizada sob a orientação da Profa. Dra. Guacira Lopes Louro, no Programa de Pós-graduação em Educação da UFRGS. Defendida e aprovada em agosto de 2009.

6 Ciberespaço é uma expressão que foi propagada pelo escritor norte-americano Willian Gibson em seu livro *Neuromancer*, em 1984. Pierre Levy define o ciberespaço não apenas como o local que surge da interconexão mundial dos computadores, mas também de cabos e fios, como os de telefonia, por exemplo. Refere-se não só à infra-estrutura, mas ao universo de informações e aos próprios sujeitos que o movimentam. É o local em que nos encontramos quando entramos em um ambiente de realidade virtual, quando estamos conversando em um chat ou falando ao telefone, buscando informações nas páginas dos jornais e revistas disponíveis na internet, entrando em contato com os significados sociais e culturais de quem escreve ou comenta nas páginas de um blog. É um espaço de comunicação, de controle, de socialidade⁶, de organização e de transação, um novo mercado na produção e controle de informação, conhecimento e saberes (LEVY, 1999).



verdades que não são fixos nem estáveis e são mobilizados pelos discursos e representações que são, em determinados períodos, privilegiadas.

Os *blogs*, assim como outros modos de escrita na internet⁷, portam rastros da comunicação “face-a-face”, em que um sujeito “fala” e outro/s “responde/m” (no caso dos *blogs*, através de comentários), guardando suas particularidades de tempo e velocidade, uma vez que a internet possibilita que o que é escrito de um determinado computador ou de um *Iphone*, por exemplo, possa ser acessado pelos/as demais usuários/as da rede, que podem estar espalhados por todos os cantos do mundo, ou a poucos metros de distância.

Por se constituir em um dos espaços onde algumas pessoas falam de suas dores, seus amores, suas misérias, do seu dia de trabalho, como lidam com o corpo, dos pequenos detalhes de seu cotidiano para o/a provável leitor/a da página, faz-se possível apontar o caráter confessional pelo qual a escrita em *blogs* é dotada. Entretanto, concordo com Paula Sibilia (2008, p.71) quando refere que mencionar apenas o caráter confessional dos *blogs* é “uma explicação possível, embora parcial, pois deixa sem elucidar algumas de suas especificidades mais significativas”.

A confissão é uma tecnologia ainda utilizada para produzir “a verdade” sobre os sujeitos e seus corpos. Está basicamente relacionada com o ato da fala. Pela confissão, os sujeitos são incitados a exprimir um discurso de verdade sobre si, através da individualização. Cabe lembrar que a confissão é utilizada pela Igreja⁸ e pelo sistema jurídico, no Ocidente, desde a Idade Média e, ao longo dos séculos, foi sendo apropriada por outras instituições. Pela pedagogia, a partir do século XVIII, e pela medicina, a partir do século XIX, passando então a ser difundida, reformulada e utilizada em uma série de relações: entre filhos/as e pais, penitentes e confessores, pacientes e médicos/as, alunos/as e pedagogos/as, escritores/as e leitores/as. Michel Foucault (2006), no primeiro volume da *História da Sexualidade*⁹, aponta que, no século XIX, lançou-se mão da confissão para produzir “a verdade” sobre o sexo. Desse modo, foram produzidos discursos que, ao se articularem à medicina, instituíram a *scientia sexualis*, legitimando através da autoridade dos estudos científicos uma “verdade” sobre os sujeitos, seu corpo e seu sexo.

7 Como o e-mail, msn, orkut, twitter, sites de perguntas e respostas, dentre outros.

8 A partir dos séculos XI a prática da confissão vai sendo focalizada pela Igreja e a partir de 1215, com o IV Concílio de Latrão, torna-se obrigatória e instaura-se um tribunal permanente diante do qual cada sujeito deverá aparecer: ao menos uma vez por ano, na Páscoa, para os leigos e todos os meses, podendo ser todas as semanas, para os clérigos (FOUCAULT, 2008).

9 Este primeiro volume da *História da Sexualidade* é intitulado *A Vontade de Saber* foi publicado em 1976. Posteriormente foram escritos mais dois volumes, *O Uso dos Prazeres* e *As Técnicas de Si* publicados no ano de sua morte, em 1984 e deixou, provavelmente em forma de notas, um quarto volume, não publicado, intitulado *As confissões da carne*.



Além da “verdade” sobre a sexualidade muitas outras “verdades” foram sendo postas em discurso, através de práticas confessionais, sobre os sujeitos e seus corpos. Através de diversos deslocamentos e de variados modos, a prática da confissão foi sendo incorporada à nossa sociedade, sendo que, na maioria das vezes, o efeito de poder que perpassa essa prática é sutilmente invisibilizado. Desse modo, penso que os *blogs* podem ser, de certa forma, olhados como “um” dos espaços de confissão contemporânea que, através de relações de poder-saber, produz verdades sobre os sujeitos que ali escrevem.

Analisando os *blogs*, pareceu-me possível também fazer outras aproximações, levando-se em conta a teoria que tomei como referência para a escrita deste texto. Uma das aproximações que observei foi em relação ao que Foucault chama de *escrita de si*, uma vez que, em diversos momentos, esse modo de escrita na internet possibilitou pensar como ele atua, juntamente com outras tecnologias¹⁰, na produção de si, do corpo. Tanto de quem ali escreve como de quem lê a página.

A *escrita de si*, assim como a confissão, é uma tecnologia de si que, ao conduzir à individualização e à introspecção, opera produzindo verdades sobre o sujeito que escreve. Passou a ser bastante utilizada nos séculos I e II da era cristã como um modo de o sujeito¹¹, através da escrita, produzir a si. Representou uma nova tecnologia possível, para Foucault em entrevista a Dreyfus e Rabinow (1995), de ser comparada à entrada do computador na vida moderna. A escrita, que se tornou uma prática importante no *cuidado de si*¹², deveria servir como um exercício racional,

10 Aqui refiro-me às tecnologias de si descritas por Foucault “que permitem aos indivíduos efetuarem, sozinhos ou com a ajuda de outros, um certo número de operações sobre seus corpos e suas almas, seus pensamentos, suas condutas, seus modos de ser; de transformarem-se a fim de atender um certo estado de felicidade, de pureza, de sabedoria, de perfeição ou de imortalidade”. O autor cita também: as técnicas de produção graças as quais podemos produzir, transformar e manipular objetos; as técnicas de sistemas de signos, que permitem a utilização de signos, de sentidos, de símbolos ou de significação; as técnicas de poder, que determinam a conduta dos indivíduos, submetendo-os a certos fins ou à dominação, objetivando o sujeito. Raramente esses quatro tipos de técnica funcionam separadamente, mesmo por que cada tipo está associado a uma determinada forma de dominação. Cada um desses tipos implica em certos modos de educação e de transformação dos indivíduos, à medida em que se trata não somente, de adquirir certas aptidões, mas também de adquirir certas atitudes. (FOUCAULT, 1996, p. 48, tradução minha).

11 A escrita de si era praticada na Antiguidade por uma pequena parcela da população, uma pequena elite, composta por homens livres. Por questões sociais e culturais, excluía-se dessa prática as mulheres e os escravos.

12 O cuidado de si fazia parte de um conjunto de práticas constantes realizadas por uma elite composta por homens livres. Em grego, essas práticas, que tiveram grande importância na Antiguidade clássica ou tardia, concerniam ao que era denominado *epimeleia heautoû* e em latim *à cura sui*. Tinham como princípio “ocupar-se consigo”, “cuidar de si mesmo”. Há muitos testemunhos dessa época que demonstram a importância dada ao “cuidado de si” e de sua conexão com o tema do conhecimento de si (*gnôthi seautón*). Michel Foucault também se dedicou ao estudo do cuidado de si e aponta as transformações dessa prática, principalmente no que tange à política, a pedagogia e ao conhecimento de si, desde Sócrates, no célebre texto *Alcebiades*, até os séculos I e II da era cristã. Cabe ressaltar que através desse movimento que foi transformando esse conjunto de práticas ao longo das gerações é mais comum se utilizar a denominação “cultura de si” em vez de “cuidado de si” a partir do I e II séculos da era cristã, momento “em que a aplicação a si se tornou uma prática adulta a ser exercida por toda a vida, seu papel tende a se dissipar e outras funções se afirmam” (FOUCAULT, 2004a, p. 602).



oposto ao defeito da *stultitia* (caracterizada pela agitação da mente, pela dificuldade em prestar atenção, pela fragilidade de opiniões e vontades). A *escrita de si*, como nos diz Foucault, remonta a três situações: os *hypomnematas* e as correspondências, na Antiguidade Clássica tardia, e aos diários pessoais, do século XVI.

Os *hypomnematas*, semelhantes às cadernetas de anotações individuais, eram utilizados para anotar citações, trechos de obras, pensamentos e reflexões (ouvidas ou que viessem à mente), a fim de serem relidos constantemente, “para a constituição de si através do pensamento dos outros” (FOUCAULT, 2004b, p. 156). Tratava-se de se apropriar de um pensamento e dele persuadir-se tão profundamente até acreditar completamente em sua veracidade, fazendo dele um princípio de ação. Constituíam uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas. A vantagem da escrita nos *hypomnematas* teria dois usos possíveis: para quem escreve, já que escrever ajudava a assimilar os pensamentos, e também para os outros, auxiliando no combate às tentações ou para superar momentos difíceis. Por mais pessoais que fossem, os *hypomnematas* não eram narrativas de si, visto que tratavam de captar “o já dito, reunir o que se pode ouvir ou ler, e isso com uma finalidade que nada mais é que a constituição de si” (FOUCAULT, 2004b, p. 149).

As correspondências, comuns nos primeiros séculos da era cristã, são os primeiros relatos escritos sobre si. Eram mais que um “adestramento de si mesmo pela escrita” (FOUCAULT, 2004 b, p. 155). Consistiam em uma maneira de se expressar para si e para o outro, rememorando as atividades, leituras, os fatos corriqueiros do seu dia, as notícias sobre a saúde, a dieta¹³. Esse “trabalho” sobre si ia constituindo verdades advindas do próprio sujeito. Eram uma abertura que se dava ao outro sobre si. Essas cartas, além da introspecção, tanto de quem as escrevia como daquele que as lia, expressavam uma narrativa de si que expunha ao outro seus saberes. Assim, pode-se dizer que ao receber uma carta o escritor se faz presente para aquele que lê? E, hoje em dia, ainda será possível observar situação semelhante ao lermos um *e-mail*, um *site*, a página de um *blog*?

Escrever é, portanto, se mostrar, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro. E isso significa que a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dito sobre si mesmo¹⁴.

Nas correspondências de Marco Aurélio a seu mestre Fronton¹⁵, por exemplo, observa-se uma grande atenção dada aos fatos do cotidiano, a forma como viveu seu dia. Detalhes do cuidado

13 Na Antiguidade clássica, havia uma grande preocupação com o que comer para ter uma boa saúde. Michel Foucault, numa entrevista a Hubert Dreyfus e Paul Rabinow, afirma que os gregos estavam mais preocupados com a dieta do que com o sexo (DREYFUS e RABINOW, 1995).

14 FOUCAULT, Michel. Ética, sexualidade, política. Ditos & Escritos V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 155-156.



de si estavam presentes. Todas as coisas, aparentemente sem importância, que Marco Aurélio havia feito: o que pensou, o que comeu, como vivenciou o seu corpo, o que leu, as dores que seu corpo sentiu, o sentimento de amor pelo seu mestre¹⁶. Há uma narrativa que se desenvolve sobre o corpo, marcado por uma ética e uma estética relevantes para a época, produzindo saberes:

Para os estóicos, o corpo não era tão importante, mas Marco Aurélio fala de si mesmo, de sua saúde, daquilo que comeu, de sua dor de garganta. Essas indicações caracterizam bem a ambigüidade que está relacionada ao corpo nessa cultura de si. Teoricamente a cultura de si é orientada em direção à alma, mas tudo que se relaciona ao corpo tem uma importância considerável¹⁷.

Observa-se, assim, um movimento que fazia presente os corpos na narrativa daquele que escrevia sobre si, representando o jeito como os corpos eram significados e produzidos em determinado momento histórico, permeados por relações de poder, aspectos sociais, políticos e culturais. Portanto, escrever sobre si e através da escrita, contar suas experiências, expressar seus saberes e significados, como também representar os corpos não é algo novo. O que muda são os artefatos utilizados para tanto e, fundamentalmente, mudam os significados atribuídos às experiências pela cultura, na cultura.

O exame de consciência, que perdura, ressignificado, na contemporaneidade (os *blogs* nos quais a blogueira fala de si talvez possam ser vistos como um dos exemplos disso), já aparecia escrito nas cartas. Ele fundamentou a confissão cristã e também foi presente nos diários pessoais na Europa do século XVI¹⁸, onde a autobiografia era uma questão central, e continuou se transformando ao longo do tempo. Vai aparecer mais tarde, já no século XIX, nos diários íntimos das mulheres – e aqui chamo atenção especialmente para a prática entre mulheres brasileiras – quando o processo de letramento já fazia parte do cotidiano da burguesia. Lílian Maria de Lacerda (2000) nos diz que o corpo e a sexualidade são temas presentes na escrita das mulheres brasileiras, ora através do silenciamento imposto por aspectos sociais e culturais de séculos passados, ora como ponto central da narrativa de si a partir da metade final do século XX. Palavras que vão censurando ou permitindo a constituição de cenas da vida de mulheres que um dia escreveram sobre si.

15 As correspondências de Marco Aurélio ao seu mestre Fronton (144-45 d.C.) nos oferecem o relato da vida cotidiana de Marco Aurélio, feita a Fronton. É a transcrição do exame de consciência feito pelo discípulo e escrito na carta ao mestre. Nessa época, Marco Aurélio deveria ter aproximadamente vinte e quatro anos e Fronton, por volta de quarenta anos. (FOUCAULT, 1996).

16 As nossas concepções modernas de amor e amizade não dão conta de decifrar esses sentimentos que estavam presentes de uma forma intensa e complexa na relação entre o mestre e o discípulo (FOUCAULT, 2004b).

17 FOUCAULT, Michel. *Tecnología del Yo y otros textos afines*. Barcelona: Ediciones Paidós ibérica, S.A.1996, p.65, tradução minha.

18 Foucault (2004a) aponta preocupações éticas semelhantes às dos séculos I e II da era cristã no momento em que reaparecem os diários pessoais no século XVI (FOUCAULT, 2004).



Momentos em que o corpo é experimentado, docilizado¹⁹, dominado, ousado. Mas, não quero dizer, com isso, que essa prática passou de uma sociedade a outra como uma transferência direta, linear, mas sim que foi, ao longo dos anos, deslocando-se, modificando-se, ressignificando-se, deixando seus rastros.

Uma das críticas do feminismo à ciência tradicional é o fato de ter feito suas análises baseadas somente na experiência contada pelos homens, descartando as que ficavam fora da “norma” (isto é, da referência ao homem branco, heterossexual, ocidental, burguês). Os homens tornaram-se representativos da humanidade, sendo difícil dissociar, lingüística e ideologicamente, a experiência dos homens da experiência da humanidade (HARDING, 1986; DIMEN, 1988; DALLERY, 1988). É importante salientar que a sociedade não produz um único jeito de ver a realidade, há discursos antagônicos entre si, todavia há um discurso hegemônico que predomina. Esse discurso calou a experiência contada pelas próprias mulheres e representou seu corpo e a sua sexualidade como objeto de desejo dos homens. Assim, através de representações, estipularam-se “verdades”, para controlar a sociedade, docilizar os corpos. Saberes, tensionados por relações de poder, instituíram hierarquias para os sexos, gêneros, etnias e sexualidades. Será que ao publicar seus escritos sobre si na internet as mulheres conseguem perturbar essas representações, produzir outras “verdades”?

O movimento feminista, desde a década de 1970, problematiza a forma pela qual as mulheres representam a si através de diversas instâncias da mídia e/ou escrevem seus textos. Algumas questões foram sendo apresentadas: como desenvolver um modo feminista de pesquisar, se todas as leituras e o modo de “conhecer” das mulheres foi feito através da fala dos homens?²⁰ Haveria um jeito feminista de escrever? Existe uma relevante crítica feminista às mulheres que escrevem por muitas vezes reproduzir na sua escrita um papel já naturalizado pela escrita masculina, reproduzindo o sexismo e a misoginia²¹ (HARDING, 1986).

19 Márcio Fonseca (2003) comenta que Michel Foucault quando fala, em sua obra, nas formas de objetivação e subjetivação refere-se sempre à constituição do indivíduo. Aponta uma certa concorrência entre esses processos, uma vez que a partir de estratégias disciplinares foi possível constituir o indivíduo moderno num objeto dócil e útil e, através de práticas culturais, o indivíduo torna-se um sujeito, preso a uma identidade.

20 O pós-estruturalismo, perspectiva que adoto neste texto, não separa os processos de ‘conhecer’ e de ‘representar’. Só podemos falar das mulheres pela forma como são conhecidas. (SILVA, 2003).

21 Considero importante aqui uma referência à *Écriture féminine* tendo em vista as diversas discussões e polêmicas que esses estudos suscitaram. Feministas francesas contemporâneas como Luce Irigaray e Hélène Cixous propuseram desconstruir através da *Écriture féminine* (‘escrita do corpo’) o fato do corpo e da sexualidade das mulheres terem sido construídos como complemento da identidade sexual masculina. A *écriture féminine* chama atenção para a diferença sexual que se constitui discursivamente através de significados inscritos nos corpos, situando ‘o feminino’ como tudo o que é reprimido ou mal representado nos discursos da cultura ocidental. Ressalta que é fundamental uma nova forma de interpretação dos discursos para reparar a repressão sofrida pelas mulheres nas suas práticas de subjetividades. Também denuncia o fato de o erotismo da mulher ter sido reprimido da linguagem e negado pelo patriarcalismo.



Hoje, muitas mulheres escrevem sobre suas vidas, suas experiências, seus saberes para quem quiser lê-las na internet. Falam também do seu e de outros corpos, das sexualidades, das posições de gênero assumidas. E este processo, como vem sendo discutido aqui, institui relações de poder-saber. Nos *posts*²² elas contam suas experiências, falam do modo como percebem o mundo, expressam seus saberes e verdades, representam corpos constituídos através de discursos contemporâneos que, ao serem incorporados, fazem esses corpos. Porém, é fundamental questionar se ao falar de si na internet as mulheres que ali escrevem conseguem mostrar uma nova realidade política ou apenas reproduzem os valores impostos por uma sociedade de herança patriarcal? Que histórias contam essas mulheres que se fazem visíveis num espaço público como é a internet? Nas páginas *on line* subvertem os essencialismos ainda conectados à figura da mulher? Perturbam os atributos de docilidade, fragilidade, zelo, delicadeza que há gerações são impostos ao corpo da mulher?

A estudiosa Sandra Harding (1986), que se dedicou à pesquisa feminista, já chamava atenção, desde a década de 1980, para a importância e a urgência em tematizar a experiência das mulheres. Hoje, vejo nos *blogs* em que há sujeitos que se declaram mulheres e escrevem sobre si um espaço peculiar para se pensar e discutir sobre isso.

Bibliografia

CANEN, Ana; XAVIER, Libânia. Multiculturalismo, memória e história da educação brasileira: reflexões a partir do olhar de uma educadora alemã no Brasil Imperial. In: BASTOS, Maria Helena; CUNHA, Maria Teresa; MIGNOT, Ana Chrystina (orgs.) *Refúgios do eu*. Florianópolis: Mulheres, 2000: 63-80.

DALLERY, Arleen. A política da escrita do corpo. In: JAGGAR, Alison; BORDO, Susan. *Gênero, corpo, conhecimento*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1992, p.62-78.

DIMEN, Muriel. Poder, sexualidade e intimidade. In: JAGGAR, Alison; BORDO, Susan. *Gênero, corpo, conhecimento*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1992, p. 42-61.

DREYFUS, Hubert.; RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FONSCECA, Márcio. *Michel Foucault e a constituição do sujeito*. São Paulo: Educ, 2003.

FOUCAULT, Michel. *Tecnologia del Yo y otros textos afines*. Barcelona: Ediciones Paidós ibérica, S.A.,1996.

22 Texto de um blog.



_____. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo, Martins Fontes, 2004 (a).

_____. *Ética, sexualidade, política*. Ditos & Escritos V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004(b).

_____. *História da sexualidade: a vontade de saber*. V.I, Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. *Segurança, território e população: curso no College de France*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

HALL, Stuart. The work of representation. In _____. (Org.) *Representation: cultural representations and sygnifying practices*. London: SAGE /Open University, p. 13- 74 1997.

_____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2004: 103-133.

HARDING. Sandra. *The science question in Feminism*. Ithaca. New York: Cornell University Press, 1986.

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> . Acesso em 07 Maio 2008.

LACERDA, Lílian Maria. Lendo vidas: a memória como escritura autobiográfica. In: BASTOS, Maria Helena; CUNHA, Maria Teresa; MIGNOT, Ana Chrystina (orgs.). *Refúgios do eu*. Florianópolis: Mulheres, 2000, p.81-107.

LEVY, Pierre. *Cibercultura*. Ed.34. Rio de Janeiro, 1999.

SIBILIA, Paula. *Show do eu: A intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu. *O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular*. Belo Horizonte:autêntica, 2003.